

Seleção e Aperfeiçoamento de Pessoal

Os concursos e a formação profissional

À margem de dois discursos do Presidente Vargas

Poucos fatos da atualidade brasileira serão mais atraentes e mais aptos ao desenvolvimento de observações fecundas por parte de um educador ou sociólogo do que os concursos do D.A.S.P. Janela aberta para a nossa realidade, os concursos fariam desfilar diante do pesquisador, como num filme cinematográfico, não só as nossas aspirações para melhor futuro como os obstáculos que levantaram em nosso caminho os erros do passado, numa lenta e compacta sedimentação acumulada durante gerações.

É que a política, política de cabala e de combinações, conseguia tudo — até empanar na formação da infância e da juventude o conceito de que a Pátria exige de cada um trabalho e sacrifício.

Ver-se-iam as tendências que é preciso encaminhar ou amputar, os conceitos que se reformam, os ideais que nascem e, mesmo, além desses aspectos morais ou intelectuais, as deficiências ou os índices de progresso físico da raça.

Focalizemos, agora, em ligeiro comentário, um desses múltiplos setores, cuja visão nos abre o processamento dos concursos, não com a intenção de concluir, mas apenas de indicar aos estudiosos e conhecedores de grave problema nacional, um dos meios de bem conhecê-lo e, talvez, de sugerir-lhe uma solução.

Não será possível pôr em dúvida que a educação brasileira passa hoje, nos seus fundamentos e na sua orientação, por uma renovação radical, que a separa nitidamente do passado. Entretanto, os concursos do D.A.S.P. mostram que essa revolução ainda se encontra na sua etapa teórica sem projeção sensível das idéias no plano da realidade e que é preciso insistir e agir para que sejam conseguidos os primeiros resultados práticos.

Todos sabem que a educação no Brasil sofreu, como era natural, da influência estreita dos regimes sob os quais temos vivido. Dêste modo, a sociedade escravocrata do império organizou, por um determinismo compreensível, a sua educação, em torno do ideal da formação de uma elite reduzida de aristocratas, a cuja guarda eram entregues não só o governo da grande massa de escravos e proletários como a formação e o enriquecimento da cultura. E, enquanto o povo livre e o elemento servil lavravam a terra e iniciavam na fase primária do artesanato as atividades técnicas de que devia nascer a indústria, a elite, divorciada quasi até ao exagêro das realidades materiais da terra e da gente, prosseguia, de geração a geração, a sua cultura ornamental e abstrata, flutuando no mundo remoto das idéias gerais.

Dêsse período e dessa cultura restam até hoje vestígios e aderências tenazes, que só a cirurgia impiedosa dos fatos vai cortando. A Educação para a Côte dos tempos do Império continua hoje, sem excesso de latim, sem esgrima e sem equitação, mas com o mesmo desprezo pelas atividades técnicas em todos os seus aspectos.

E êste grave problema pesa e entrava, mais do que comumente se julga, a ação administrativa. No mundo moderno, a complexa influência do Estado em todas as esferas da vida nacional, torna-o no campo do trabalho um grande empregador. Os múltiplos serviços que lhe cabe manter e desenvolver exigem o recrutamento de numerosos servidores com aptidões que se classificam desde as mais simples ocupações burocráticas às tarefas mais especializadas que requerem pessoal técnico e altamente qualificado.

Para isso faz o D.A.S.P. concursos e provas e, por intermédio deles, verifica a profundida-

de alarmante da nossa escassez de técnicos e a impossibilidade em que nos encontramos de conseguir os servidores de que o Brasil tanto necessita.

Exposta assim a questão, a solução é lógica e sem esforço. Mais do que nunca, a educação deve preparar para a vida, para o trabalho economicamente útil. Não cabe no momento a educação que vise exclusivamente a formação de elites mentais, a organização de corpos de eruditos, cristalizações culturais, necessárias, por certo, em países que já tenham conseguido soluções para os seus mais angustiosos problemas econômicos, mas cuja hipertrofia será apenas, no Brasil, um desequilíbrio funesto, capaz de retardar ainda por muitos anos a evolução do nosso povo e o cumprimento dos destinos da nossa civilização.

"Educar para o trabalho", eis a lição que oferecem os concursos do D.A.S.P., nos quais profissionais diplomados provam, com o desconhecimento de técnicas elementares da profissão, que a sua educação ainda foi feita "para a côrte".

Educar para o trabalho, educar para a fábrica, para a oficina, para a fazenda, para a reparação; educar com finalidade para que se eduque para a Pátria, dando-lhe obreiros da sua grandeza e propulsores do seu progresso e não simples e desadaptados discutidores, alheios às necessidades da vida presente.

A lição que permitem os concursos do D.A.S.P. se articula intimamente com palavras de recente discurso do Presidente Vargas, que, com admirável clarividência, assim situou a questão:

"No período em que nos encontramos, a cultura intelectual sem objetivo claro e definido, deve ser considerada luxo acessível a

poucos indivíduos e de escasso proveito para a coletividade".

E ainda em outro trecho do mesmo discurso, proferido no Instituto Profissional de São Paulo, em dezembro de 1939:

"Decorrido mais de meio século de trabalho livre, ainda não nos distanciamos muito dos objetivos educacionais que conformaram outra época e outra sociedade".

As palavras de advertência do Senhor Presidente da República não representam senão a tradução, em forma literária e objetiva, do que preceitua de maneira clara e incisiva o art. 129 da Constituição, quando estabelece que "o ensino prevocacional e profissional é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado".

Quebram-se, dêsse modo, as comportas de um intelectualismo que peiava o nosso desenvolvimento e que procurava manter em nossa evolução a idéia tantas vezes combatida, mas, infelizmente, seguida de que as profissões que impulsionam a indústria e o comércio são menos compatíveis com a dignidade humana.

Em outro discurso do Senhor Presidente da República, pronunciado em Salvador, ainda mais se robustece o pensamento de que a educação que não conduzir para o trabalho é inidônea, porque de nada nos valerá prosseguir em uma educação que não forme o contingente de técnicos que o Brasil está a exigir.

As palavras do Senhor Presidente, repetimos, valem mais que uma advertência: elas traduzem um programa cuja execução não pode ser retardada pelas discussões filosóficas nem pelas orientações sectárias.

SEJA SUCINTO E CLARO EM SUA REDAÇÃO: É MAIS
SÁBIO O QUE DIZ POUCO, MAS DIZ TUDO
O QUE É PRECISO